

SEGREGAÇÃO HORIZONTAL: UM DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO DE MULHERES

Horizontal segregation: a challenge for women's education

Bianca Araci de Figueiredo – UFSCar/So*
Hylio Laganá Fernandes – UFSCar/So**

Resumo: Os estereótipos de gênero atravessam as escolas e fazem parte da dinâmica das relações construídas, educando corpos e mentes nos moldes de um sistema heteronormativo que classifica, ordena e hierarquiza. O objetivo desse artigo é investigar semelhanças e diferenças quanto as percepções e os interesses de meninas e meninos sobre as disciplinas escolares, tendo como base os estudos de gênero e de segregação horizontal das profissões. Esse trabalho foi desenvolvido por meio do uso de imagens e questionário, em uma escola no interior do Brasil, com estudantes entre 15 e 18 anos. Os resultados sugerem que a cultura escolar, heteronormativa e sexista, reproduz uma lógica de segregação que estimula os meninos para as exatas e as meninas para humanas, saúde e educação. Esse cenário, produzido na instituição escolar e tão importante no momento da escolha profissional, estimula “preferências” e habilidades diferentes em razão do sexo biológico.

Palavras-chave: Escola. Educação. Gênero. Segregação.

Abstract: Gender stereotypes cross schools and are part of the dynamics of constructed relationships, educating bodies and minds in the mold of a heteronormative system that classifies, orders and hierarchizes. The aim of this article is to investigate similarities and differences regarding the perceptions and girls' and boys' interests over school subjects, based on gender studies and the horizontal segregation of professions. This work was developed through the use of images and questionnaire, in a school in the interior of Brazil, with students between 15 and 18 years old. The results suggest that the school culture, heteronormative and sexist, reproduces a logic of segregation that stimulates the boys to the exact science and the girls to human, health and education science. This scenario, produced in the school institution and so important at the moment of the professional choice, stimulates "preferences" and different abilities due to the biological sex.

Keywords: School. Education. Gender. Segregation.

INTRODUÇÃO

Segregação horizontal é um termo utilizado pela sociologia que explica a produção e perpetuação das desigualdades de gênero no mercado de trabalho. Nesse conceito é considerado que as barreiras enfrentadas pelas mulheres são iniciadas logo na infância, especialmente por meio educação familiar e escolar, que direcionam a escolha das carreiras profissionais de acordo com o gênero (OLINTO, 2011). Além da esfera familiar, a escola tende a ser o primeiro espaço de socialização em que as crianças interagem e que são educadas. De modo que, ao longo da trajetória de vida escolar valores, visões de mundo, identidades, desejos e perspectivas vão sendo construídos com base nas experiências diárias. Os estereótipos de gênero atravessam as escolas e fazem parte da dinâmica das relações construídas, educando corpos e mentes nos moldes de um sistema heteronormativo que classifica, ordena e hierarquiza (LOURO, 2014). Ao analisar a instituição escolar privilegiando a ação dos sujeitos que a compõe, a escola se mostra como o resultado de um confronto de interesses, dentre os quais, para Dayrell (1996), conflitam o sistema organizacional, que define o que é ideal nas relações

*Graduação em Biologia. Universidade Federal de São Carlos/BR. Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED). E-mail: bi1277@hotmail.com.

**Doutor em Educação, professor Associado da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus Sorocaba, Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE). E-mail: hyliolafer@gmail.com.

sociais por meio do conteúdo abordado, da hierarquização dos espaços e funções, com as inter-relações dos sujeitos em um processo permanente de construção social.

Nessa perspectiva, os sujeitos se apropriam de modo heterogêneo do espaço escolar, das normas institucionais, dos saberes e das práticas. As situações cotidianas e a rotina escolar se mostram permeadas pela “[...] apropriação, elaboração, reelaboração ou repulsa expressa pelos sujeitos sociais” (DAYRELL, 1996 p.2), em um constante manipular do conhecimento em prol dos interesses individuais ou coletivos. Nesse sistema, as sobrevivências escolares e a relação dos estudantes com o conhecimento institucionalizado são marcadas por diversos fatores sociais, sendo um deles o gênero. A escola exerce sobre os corpos escolarizados ações distintivas, para os quais é informado o “lugar” que cada um ocupa; “o lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas (LOURO, 2014, p. 62). Outro fator importante a ser considerado na escolarização de meninas e meninos – e consequentemente na segregação horizontal – são as concepções do corpo docente a respeito das feminilidades e masculinidades, que podem vir a influenciar no ensino-aprendizado; estimulando de formas desiguais, a depender do gênero, “preferências” e “aptidões”.

A abordagem dada ao conteúdo escolar fica a cargo das concepções políticas e pedagógicas do professor. Afinal, nenhuma ação social é neutra, desprovida de perspectivas de mundo e de experiências, os professores também partem de um lugar de fala, com intencionalidades e resistências. Carvalho (2001) comenta que as “[...] expectativas e formas de educação diferenciadas estabelecidas pelas famílias para seus filhos e filhas”, somadas às “[...] opiniões dos professores e professoras sobre as relações de gênero” possuem interferência no desempenho escolar entre meninas e meninos; culminando no que Olinto (2011) conceitua como “segregação horizontal” na escolha e trajetória profissional das mulheres.

Na segregação horizontal, Olinto (2011) esclarece que estão incluídos mecanismos que segmentam as carreiras profissionais, para as quais as meninas são levadas desde a infância fazerem escolhas que as conduzam a atividades profissionais consideradas “femininas”. Algumas áreas, como a de saúde e educação, são exemplos da feminização exacerbada de algumas carreiras, o que vêm sendo relatado na esfera nacional e internacional. Essa tendência é preocupante, visto que as profissões com o estigma de serem femininas são tipicamente desvalorizadas e menos reconhecidas no mercado de trabalho, de modo a aprofundar ainda mais as desigualdades de gênero (OLINTO, 2011).

Schwartz *et al* (2006) demonstram que áreas ligadas a exatas, são frequentemente predominadas por homens. Ela sugere que as escolas podem ser as principais responsáveis por essas desigualdades “[...] quando por volta da sétima série as meninas são desestimuladas em disciplinas como matemática, enquanto os meninos são motivados, fazendo com que a matemática seja tida como ‘coisa de menino’” (p. 261). A escola, que educa sujeitos para inseri-los na realidade social, está completamente imersa no universo das relações, da diversidade e da heterogeneidade cultural da sociedade. Esse espaço privilegia a produção e reelaboração dos significados das práticas sociais, dos lugares ocupados e das relações de poder, tendo inclusive a capacidade para a transformá-los. Ou seja, de modo mediato ou imediato, as escolas incorporam no currículo e no fazer cotidiano todas as especificidades culturais, sejam elas conservadoras ou subversivas.

PROPOSTA E EXECUÇÃO

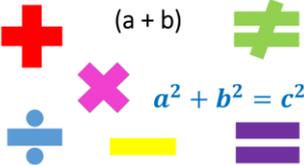
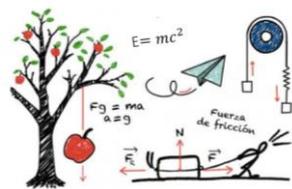
O objetivo desse artigo é investigar semelhanças e diferenças quanto as percepções e os interesses de meninas e meninos sobre as disciplinas escolares, tendo como base os estudos de gênero. Esse trabalho foi desenvolvido em uma escola do interior de São Paulo/BR, com estudantes do segundo ano do ensino médio, entre 15 e 18 anos. Inicialmente, para a coleta de dados foi solicitado que os estudantes coletivamente separassem dez imagens representativas de disciplinas escolares em três categorias, como resposta à pergunta: “o que é de ...?” 1) Mulheres, 2) Homens ou 3) Mulheres e homens. A atividade com o uso de imagens e as discussões que se seguiram foram realizadas em dois momentos: um apenas com as meninas e outro apenas com os meninos. Por fim, as(os) estudantes responderam individualmente quais suas disciplinas preferidas.

No decorrer da atividade, foi possível observar o processo de “interinfluências” para a composição de dados consensuais em cada grupo, meninas e meninos, a respeito do tema proposto (GONDIM, 2003). No entanto, a observação participante e o diário de campo permitiram a análise de percepções individuais divergentes da categorização consensual estabelecida, como inserido no quadro 1.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade com o uso de imagens representativas de disciplinas escolares resultou no quadro 1 abaixo. O resultado obtido com a categorização realizada pelas meninas explana o que Olinto (2011) considera como “mecanismo de segregação horizontal”. Elas alocaram as disciplinas de matemática e física como exclusivas para homens; enquanto que, português e história foram consideradas disciplinas para mulheres.

Quadro 1 - Categorização de imagens com a temática: disciplinas escolares

DISCIPLINAS ESCOLARES		
<p>PORTUGUÊS</p>  <p>Fonte: Página Escola Educação</p>	<p>HISTÓRIA</p>  <p>Fonte: Página Giz Público – modificada pelos autores</p>	<p>EDUCAÇÃO FÍSICA</p>  <p>Fonte: Página A arte de educar o físico</p>
<p>MATEMÁTICA</p>  <p>Fonte: Elaborada pelos autores</p>	<p>QUÍMICA</p>  <p>Fonte: Página Que Conceito</p>	<p>GEOGRAFIA</p>  <p>Fonte: Página Sanderlei PT Ensino</p>
<p>EDUCAÇÃO ARTÍSTICA</p>  <p>Fonte: Página Canal do ensino</p>	<p>INGLÊS</p>  <p>Fonte: Blog Espalhando</p>	<p>FÍSICA</p>  <p>Fonte: Página Deviante</p>
<p>BIOLOGIA</p>  <p>Fonte: Blog do Enem</p>		

Fonte: Dados da pesquisa.

É sabido que as mulheres enfrentam inúmeras barreiras para se inserirem em profissões tradicionalmente de homens. A correlação de exatas com os homens foi sendo estabelecida, historicamente, ao longo do desenvolvimento da ciência e remonta um longo processo de exclusão das mulheres (OLINTO, 2011; SCHWARTZ *et al.*, 2006). Portanto, não é de se espantar que as meninas continuem a reconhecer o espaço das disciplinas de humanas e das artes como sendo espaço femininos.

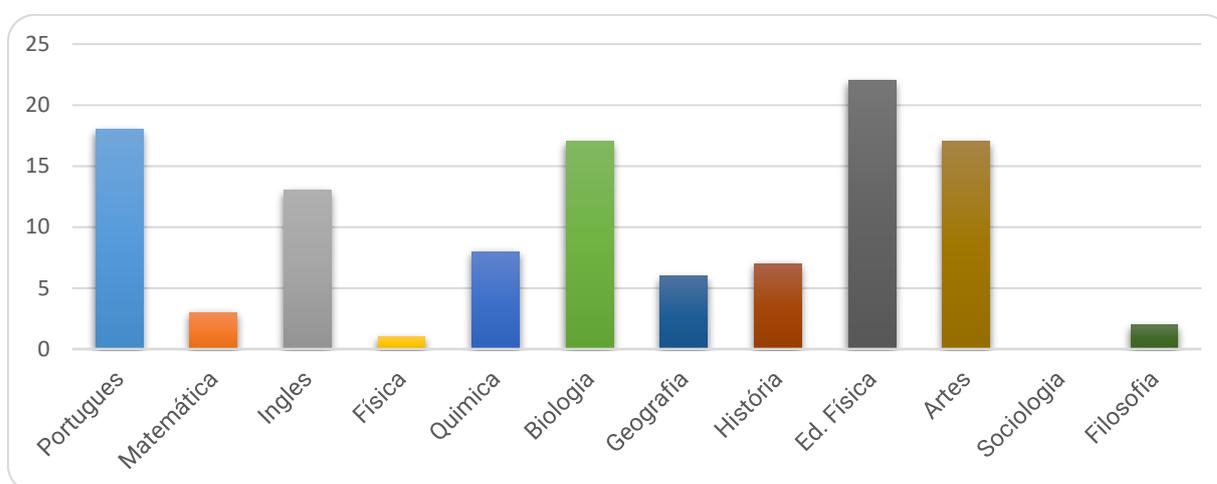
Nas ciências características culturalmente atribuídas às mulheres como: feminilidade, subjetividade, sentimento e cooperação, foram desestimuladas e afastaram as mulheres do universo científico. Entretanto, diversas mulheres ousaram se lançar nas ciências, mas elas foram, e ainda são, silenciadas. A cultura escolar, heteronormativa e sexista, reproduz uma lógica de segregação que estimula os menino para as exatas e as meninas para humanas, saúde e educação. Nesse aspecto Louro (2014)

argumenta que a escola é feita por homens, pois o conhecimento institucionalizado foi produzido historicamente por homens, já que a ciência se mostra, ainda hoje, masculina.

A delimitação de português e artes como “disciplinas de mulher” na atividade com imagens corresponde a “preferência” das meninas por essas duas disciplinas (Gráfico 1). Embora educação física tenha sido apontada como a de maior interesse das meninas, a justificativa decorre da possibilidade de “ficar sentada na quadra ouvindo música, conversar e não ter tanta pegação no pé” (fala de uma estudante), ou seja, o atrativo da disciplina não é a prática esportiva em si. Contudo, vale ressaltar que esse não é um dado universal para essas meninas, havendo aquelas que realmente possuem grande interesse nas atividades físicas.

História também foi apontada por elas como atividade de mulheres. Porém, não está entre as disciplinas com destaque majoritário das preferências. É simbólica a inclusão da disciplina de história como atividade de mulheres, juntamente com português, ela representa que a área de humanas é considerada um espaço para mulheres, ainda que não haja grande interesse individual para essa disciplina especificamente.

Gráfico 1 – Disciplinas preferidas por todas as meninas/escola da periferia



Fonte: Dados da pesquisa.

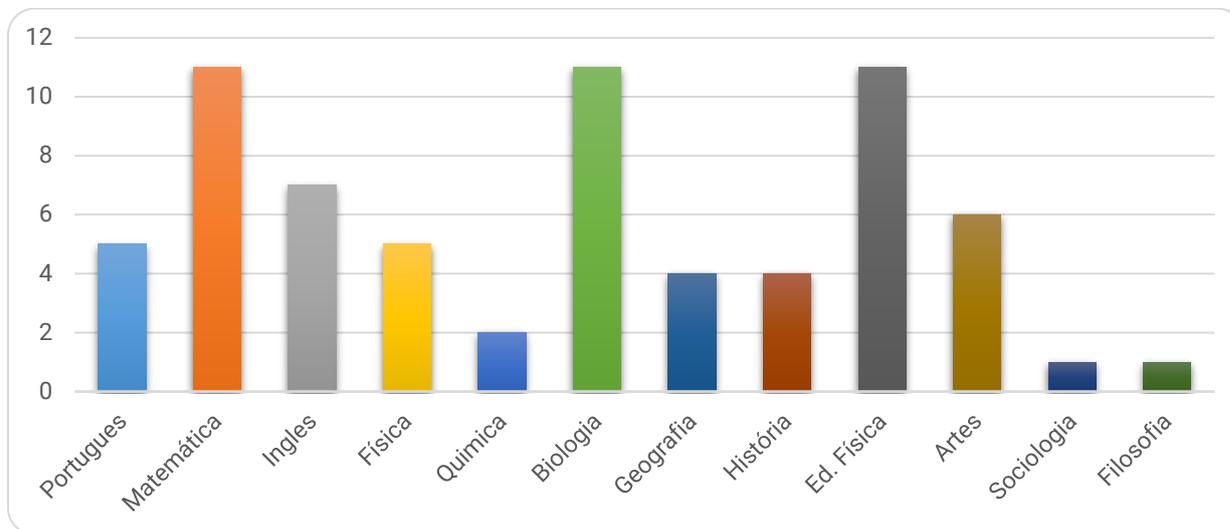
Nota: 1) foram assinaladas mais de uma disciplina por estudante; 2) Preto: disciplinas categorizadas na atividade com uso de imagem como “de mulheres”; 3) Vermelho: disciplinas categorizadas na atividade com uso de imagem como “de homens”; 4) Cinza: disciplinas categorizadas na atividade com uso de imagem como “de mulheres e homens”.

No gráfico 1, também é possível observar que ainda que existam algumas meninas que afirmem gostar das disciplinas de exatas, elas possuem menor expressividade numérica; sendo portanto delegadas para os homens, como apresentado no quadro. As meninas afirmam que “não levam jeito para matemática e física” por serem disciplinas muito abstratas e “difíceis” de compreender. Uma estudante do primeiro ano do ensino médio comentou que embora ache “muito interessante e tenha grande interesse por física”, no ensino fundamental a base de matemática foi muito ruim e que os professores não a ajudavam a compreender a matéria, o que dificulta sua aprendizagem em física, já que “eu consigo interpretar o problema, mas não consigo resolvê-lo. Então eu parei de gostar de física. Hoje gosto mais de biologia, tanto que quero fazer veterinária”. Os discursos das meninas contemplam o que Olinto (2011) afirma:

Sobretudo pela atuação da família e da escola, as meninas tendem a se avaliar como mais aptas para o exercício de determinadas atividades e a estabelecer para si mesmas estratégias de vida mais compatíveis com o que consideram ou são levados a considerar como mais adequados para elas. (p. 69) [...] Fica evidenciado, portanto, que é cedo - entre jovens que ainda têm 15 anos - que se delineia a segregação horizontal entre os sexos expressa na escolha da carreira. Essa tendência mostra que a perspectiva de equidade de gênero ainda é remota, pois não aparece no comportamento dos jovens que ainda não iniciaram sua formação de nível superior. (p. 70).

Contraditoriamente, o gráfico 2 nos mostra que os meninos atribuíram todas as disciplinas de exatas com de “mulheres”, assim como português e inglês. E, como disciplinas para homens eles colocaram história, geografia e educação física. Esses meninos consideram que artes e biologia são disciplinas indistintas para homens e mulheres.

Gráfico 2 – Disciplinas preferidas por todos as meninos/escola da periferia



Fonte: Dados da pesquisa.

Nota: 1) foram assinaladas mais de uma disciplina por estudante; 2) Preto: disciplinas categorizadas na atividade com uso de imagem como “de mulheres”; 3) Vermelho: disciplinas categorizadas na atividade com uso de imagem como “de homens”; 4) Cinza: disciplinas categorizadas na atividade com uso de imagem como “de mulheres e homens”.

Ao serem indagados a respeito de suas disciplinas favoritas: matemática, biologia e educação física sobressaem diante das demais. E inglês, artes, português e física são, quantitativamente, mais preferíveis entre os meninos que as disciplinas de história e geografia, que foram indicadas na atividade com imagens como “disciplinas de homens”. Tendo em vista a aparente desconexão entre o questionamento e a categorização das imagens, apresentamos para os meninos do grupo os resultados do quadro de imagens e o gráfico de preferências dos meninos – dos três anos do ensino médio – e pedimos que eles explicassem e comparassem os dados. Os meninos afirmaram que as imagens dispostas nos quadros como “de homens” representam as matérias que eles possuem maior êxito nas provas, todavia, não são exatamente aquelas que eles mais gostam.

Com essa perspectiva, podemos sugerir que embora os meninos apresentem certas dificuldades nas disciplinas de exatas, eles não deixam de apreciá-las; como ocorre com as meninas. Somado ao relato de que as meninas possuem melhores resultados nas avaliações, podemos nos perguntar: quais elementos estão presentes na desmotivação das meninas pelas disciplinas de exatas, mas que não interferem no interesse dos meninos, ainda que eles no geral não alcancem resultados escolares ditos “satisfatórios”? Essa pergunta foi lançada aos estudantes, meninas e meninos, e algumas hipóteses foram sugeridas com base na vivência escolar:

A: “Acho que é porque a maioria dos professores de matemática são homens, eu não me lembro de ter tido uma professora mulher de matemática, isso deve ter alguma coisa a ver” (Fala de uma menina do segundo ano do ensino médio).

B: “Dona, homem leva jeito pra números, a gente não fica viajando, é só seguir a fórmula” (Fala de um menino do segundo ano do ensino médio)

C: “Meu pai sempre falou que quando eu crescesse eu ia ser engenheiro, e no fim acho que ele vai acertar porque até que eu gosto de física” (Fala de um menino do terceiro ano do ensino médio).

D: "Eu acho muito difícil matemática, mas eu quero ser contadora. Em casa ninguém acha que vai dar certo, mas eu vou tentar" (Fala de uma menina do primeiro ano do ensino médio).

É possível encontrar alguns elementos nas falas acima que sugerem o direcionamento dos meninos para as áreas e exatas, enquanto que ocorre o inverso para as meninas. A representatividade é um desses fatores, sendo apontado pela estudante A. A presença restrita de mulheres nas áreas de exatas é simbólico, e as meninas fazem uma leitura que compreende que esse não é um espaço para elas; legitimando o discurso de que mulher não leva jeito pra números, como é possível interpretar na fala do estudante B, então elas buscam outras áreas de interesse.

Na fala do estudante B, encontramos mais um elemento interessante. A subjetividade que é atribuída universalmente às mulheres não se enquadra na objetividade exigida pelas ciências exatas. Citele (2000, p. 68 *apud* Schwartz *et. al*/2006) comenta que a negação das mulheres na ciência "[...] tem sido historicamente constitutiva de uma peculiar definição de ciência – como indiscutivelmente objetiva, universal, impessoal e masculina"; portanto, as barreiras à serem enfrentadas pelas mulheres desde o ensino básico, especialmente nas ciências exatas, são muito mais numerosas que para os homens.

Percebemos também que desde a infância há o direcionamento das crianças para determinadas carreias e que são distintas à depender do sexo biológico e persiste por meio das escolhas profissionais das(os) adolescentes. O desenvolvimento de "preferências" não é inato ou próprio do indivíduo, elas se constroem perante os estímulos familiares, escolares etc., como sugere o estudante C e Olinto (2011), no seu trabalho sobre a segregação horizontal. Entretanto, tal direcionamento pode provocar o estabelecimento de resistências, como indica a estudante D e demonstrado no trabalho de Schwartz (2006) que evidencia a contribuição de mulheres para a informática.

As práticas escolares cotidianas fazem parte de uma dinâmica de relações sociais que interferem na produção de subjetividades de cada estudante, sendo elas positivas ou negativas (DAYRELL, 1996). Portanto, o posicionamento político e pedagógico da escola, principalmente dos professores, culmina na experiência e na reação dos estudantes perante as desigualdades sociais de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A segregação horizontal considera que as mulheres são levadas a fazer escolhas, planejamento de vida e de carreira, muito diferente daqueles feitos por homens. O resultado encontrado nesse trabalho concorda com a existência da segregação horizontal no mercado de trabalho, produzida e perpetuada por meio do ensino escolar.

Nesse trabalho podemos sugerir que embora os meninos apresentem certas dificuldades nas disciplinas de exatas, eles não deixam de apreciá-las; como ocorre com as meninas. Observamos que a cultura escolar, heteronormativa e sexista, reproduz uma lógica de segregação que estimula os menino para as exatas e as meninas para humanas, saúde e educação. Esse cenário, produzido na instituição escolar e tão importante no momento da escolha profissional, estimula "preferências" e habilidades diferentes em razão do sexo biológico.

Não podemos desconsiderar que as "preferências" por determinadas disciplinas possuem interferências do modo como as(os) professoras(es) ensinam, de suas práticas educativas e relações estabelecidas com os estudantes. Todavia, nós professoras(es) devemos estar atentas(os) a diversidade que atravessa a sala de aula e as opressões que as acompanham, para que as nossas práticas com intuítos "libertários" não se tornem aprisionamentos.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, M. P. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. *Estudos feministas*, Florianópolis, v.9. n.2, p.554-574, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8640.pdf>. Acesso em: 20 out.2018.

CITELI, M. T. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudos. *Cadernos Pagu*, n.15, Campinas, SP: Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2000. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51341>. Acesso em: 20 out.2018.

DAYRELL, J. *A escola como espaço sócio-cultural. Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, p. 136-161, 1996. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1748941/mod_resource/content/1/Escola_Dayrell.doc. Acesso em: 20 out. 2018.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, 2003. p. 149-161. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 184. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-quacira-lobes-louro.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

OLINTO, G. A. inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. *Inclusão Social*, Brasília, v. 5, n. 1, 2011. p. 68-77. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/427/1/GildaO.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

SCHWARTZ, J.; CASAGRANDE, L. S.; LESZCZYNSKI, S. A. C.; CARVALHO, M. G. Mulheres na informática: quais foram as pioneiras? *Cadernos Pagu*, n. 27, 2006. p. 255-278. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n27/32144.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

Recebido em: 10.11.2018

Aprovado em 10.12.2018